

Breve histórico das Equipes de Ajuda no Brasil

Os estudos dirigidos por Dan Olweus na Universidade de Bergen na Noruega a partir de 1978 suscitaram em pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas e regiões do mundo, o interesse e a importância das pesquisas dedicadas à compreensão do bullying e das práticas de violência características desse fenômeno. Anos depois, o governo norueguês atentou seu olhar para as práticas de violência entre pares após o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos com indícios de terem sofrido maus tratos por parte de colegas de escola. A partir disso, o país realizou em escala nacional uma Campanha Antibullying nas escolas. Desde então, diferentes investigações têm se dedicado a analisar tanto os mecanismos psicológicos e as características sociológicas do fenômeno quanto quais seriam as formas mais eficazes de combate a uma violência tão cruel e, a partir dos anos 70, surgiram nos países nórdicos as primeiras investigações que comprovam a eficácia de Sistemas de Apoio entre Iguais (SAIs).

A primeira proposta de apoio entre iguais já foi construída nos anos 1970 como ferramenta de resolução de problemas de convivência na tradição educativa norte-americana. Posteriormente, o modelo foi proposto nas Ilhas Britânicas e daí por toda a Europa. Na Espanha, os estudos tiveram seu início nos anos 1990.

No Brasil, o GEPEM passou a dedicar-se ao estudo do fenômeno bullying, especialmente por meio das investigações da Profa. Dra. Luciene Tognetta a partir de 2005, buscando explicações sobre as características psicológicas presentes entre os envolvidos em situações de intimidação entre pares.

Em 2007, quando efetuamos o primeiro diagnóstico do problema em escolas públicas e particulares da região metropolitana de Campinas, encontramos resultados similares aos que, naquele momento, estavam sendo encontrados em diferentes países (TOGNETTA; VINHA, 2008). Logo depois, entre outras investigações realizadas, buscando identificar a percepção sobre o bullying dos gestores de escolas públicas localizadas em diversas regiões do estado de São Paulo verificamos que 27% dos entrevistados negavam ou banalizam o problema, 11,5% confundiam-no com outras situações e ainda 46,1% atribuíam a responsabilidade de resolução à família (TOGNETTA; VINHA, 2010, 2012). Tais dados nos mostraram que ao se omitir diante do fenômeno, a escola propagava, ainda que por sua ausência, a cultura que é força motriz da violência, já que contravalores como a injustiça, a intolerância, a força, o poder tendem a se tornar mais importantes, do ponto de vista do imaginário social, do que os valores considerados morais. Quando interseccionamos este quadro com diversas pesquisas nacionais e internacionais que revelam não só a alta incidência do bullying no contexto escolar (OLWEUS, 1993; FANTE, 2005; LEME, 2006; FRANCISCO; LIBÓRIO, 2009; MASCARENHAS, 2009; GINI; POZZOLI; HAUSER, 2010; CURWEN; McNICHO; SHARP, 2011; FISCHER, 2010; FRICK, 2011; KRASSEL, 2014; TOGNETTA, 2010; TOGNETTA; VINHA, 2010; COWIE; MYERS, 2016; AVILÉS MARTÍNEZ, 2013) mas, sobretudo, com os sentidos que o fenômeno assume ao prisma da moralidade – a ausência de um conteúdo moral – percebemos o quanto ainda falta para que a convivência se torne, de fato, um valor a ser incorporado na escola (TOGNETTA; ROSÁRIO, 2013; TOGNETTA *et al.*, 2015).

A partir da compreensão de que os espectadores que assistem às intimidações não são indiferentes à violência, e sim, na maioria das situações, não sabem o que fazer, as pesquisas logo se uniram às investigações sobre os SAIs lideradas na Espanha pelo Prof. Dr. José María Avilés Martínez.

Os SAIs são importantes em contextos preventivos dos problemas da convivência. Contar com o apoio de uma colega ou um colega, que vive imerso nas mesmas dinâmicas da convivência em grupo, facilita a comunicação, a compreensão dos problemas e a busca de saídas possíveis. Além disso, proporciona aos possíveis alvos de intimidação a segurança de que há sempre um amigo ou amiga por perto.

Diferentes investigações fora do Brasil têm apontado a eficácia desses sistemas (SHARP; COWIE, 1998; COWIE; FERNANDEZ, 2006; AVILÉS MARTINEZ; TORRES VICENTE; VIAN BARÓN, 2008; COWIE, 2012; AVILÉS MARTÍNEZ, 2012, 2013).

No Brasil, temos trabalhado com um dos modelos de SAIs, denominado Equipes de Ajuda. A experiência da implantação das Equipes de Ajuda tem apontado a grande contribuição dessa proposta para que a convivência se torne mais respeitosa e para a construção de um programa de promoção da convivência ética em cada escola que permita a adolescentes e jovens o papel de protagonismo que lhes é de direito.

Os projetos de pesquisa coordenados pela Profa. Dra. Luciene Tognetta para implantação das Equipes de Ajuda no Brasil foram iniciados no ano de 2015. Nas palavras de seu idealizador, "o projeto pretende nada menos que alçar os alunos ao papel de protagonistas na saída aos problemas de convivência que possam produzir-se no dia a dia da comunidade educativa" (AVILÉS MARTÍNEZ, 2013, p. 190).

Portanto, no Brasil os objetivos desses projetos consistem em linhas gerais, em:

1. Estruturar e desenvolver um programa de Convivência construído conjuntamente com os docentes e equipe gestora das escolas;
2. Desenvolver e implementar um conjunto de propostas que possibilitem a formação para os valores morais de respeito, justiça, solidariedade, entre outros;
3. Desenvolver entre alunas e alunos um Sistema de Apoio entre Iguais.

Ao longo dos últimos anos várias escolas brasileiras participaram do processo de implantação das Equipes de Ajuda. A seguir, mencionamos cada uma delas e um breve histórico do trabalho.

Escolas Públicas

Na rede pública brasileira o trabalho foi implantado inicialmente em escolas do município de Campinas e Paulínia dentro de contexto maior do projeto de pesquisa intitulado: A convivência ética na escola: promovendo a melhoria do clima escolar, fruto da parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de Campinas e o GEPEM por meio da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Município/Estado:	Campinas/SP
Unidades escolares	EMEF Violeta Doria Lins
	EMEF/EJA Maria Pavanatti Favaro
	EMEF Virgínia Antunes de Vasconcellos
	EEL/EJA João Alves dos Santos

As escolas do município de Campinas iniciaram os trabalhos com as Equipes de Ajuda no ano de 2015. Nos anos de 2016 e 2017 somente duas escolas permaneceram com as ações em andamento (EMEF Violeta Doria Lins e EEL/EJA João Alves dos Santos).

Com o término do convênio entre a Secretaria de Educação de Campinas e o GEPEM, os trabalhos foram suspensos.

Município/Estado:	Paulínia/SP
Unidades escolares	EMEFM Marcelino Pietrobom Maestro
	EMEFM Vereador Angelo Corassa Filho
	EMES FM Vitor Szczepanski e Souza Silva
	EMEF Professor Domingos de Araujo

As escolas do município de Paulínia iniciaram os trabalhos com as Equipes de Ajuda no ano de 2015. Contudo, com a mudança da gestão da Secretaria de Educação do município todos os projetos foram cancelados no final de 2016.

Já no município de Sumaré o trabalho com as Equipes de Ajuda nasceu dentro do contexto maior de um programa construído com vistas a atender toda a Rede Municipal de Educação. O projeto estruturado pela Editora Adonis, com o apoio institucional do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (Gepem) teve seu início no ano de 2018.

Município/Estado:	Sumaré/SP
Unidades escolares	Escola Municipal José de Anchieta
	Escola Municipal Antônio Palioto
	Escola Municipal Profª Nilza Thomazini

No ano de 2019 iniciou-se a implantação das Equipes de Ajuda nas três escolas que têm turmas de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental. Em função da pandemia, o trabalho teve uma pausa, mas foi retomado em 2021 em duas unidades (EMEF Antônio Palioto e EMEF Profª Nilza Thomazini) permanecendo até o momento.

Escolas públicas que iniciaram o trabalho a partir de 2020

No contexto do projeto de pesquisa intitulado: "A convivência como valor nas escolas Públicas: implantação de um Sistema de Apoio entre Iguais", financiado pela Fundação Itaú Social e pela Fundação Carlos Chagas, o GEPEM pode fazer um trabalho muito próximo de três Diretorias Regionais do Estado de SP, sendo elas: DRE Leste 3, DRE Suzano e DRE Taquaritinga. A partir do trabalho desenvolvido nessas regiões, todas as demais escolas do estado de São Paulo e muitas outras de outros estados brasileiros tiveram acesso às informações mais essenciais sobre como iniciar o trabalho com as Equipes de Ajuda. Além disso, também há orientações no site www.somoscontraobullying.com.br¹.

Como fruto desse grande movimento de espalhar o conhecimento sobre os SAIs, duas escolas públicas, uma de Minas Gerais e as outras do interior de São Paulo, já implementaram autonomamente sua Equipe de Ajuda.

¹ Mais adiante explicitamos mais detalhes sobre a plataforma.

Unidade escolar	Município/Estado	Período
Escola Municipal José Avelino de Melo	Poços de Caldas/MG	2022
Escola Estadual Antônio Vieira Campo	Sorocaba/SP	2022
Escola Estadual Tenista Esther Andion Bueno	Campinas/SP	2023

Rede particular

Os primeiros colégios particulares a desenvolverem os trabalhos com as Equipes de Ajuda em 2015 foram o Colégio Bandeirantes e o Colégio Biocêntrico. São pioneiros neste trabalho e perduram até os dias de hoje.

Na sequência outras instituições aderiram à proposta conforme apresentamos no quadro a seguir:

Unidade escolar ²	Município/Estado	Período
Colégio Bandeirantes	São Paulo/SP	2015 até o momento
Colégio Biocêntrico	Nova Odessa/SP	2015 até o momento
Colégio Experimental Integrado	São João da Boa Vista/SP	2016 - 2019
Stance Dual School	São Paulo/SP	2016 até o momento
Escola Comunitária de Campinas	Campinas/SP	2016 até o momento
Escola Experimental de Salvador	Salvador/BA	2017 até o momento
Colégio Sidarta	Cotia/SP	2017 até o momento
Escola Ativa	Itapira/SP	2017-2018
Colégio Rainha da Paz	São Paulo/SP	2018 até o momento
Colégio Xingu	São Paulo/SP	2018 até o momento
Colégio Pequeno Príncipe	Ribeirão Preto/SP	2019 até o momento
Colégio Salesiano Dom Bosco	Americana/SP	2019 até o momento
Centro Educacional Sigma	Brasília/DF	2019 até o momento
Escola Móvel – Período Integral	São Paulo/SP	2019 até o momento

² Levantamento referente a maio de 2023. Outras escolas estão em processo de implementação neste mesmo ano.

Fundação Romi	Santa Bárbara D'Oeste/SP	2019 até o momento
Colégio Integrado - Unidade Jaó	Goiânia/GO	2021 até o momento
Escola Projeto Vida	São Paulo/SP	2021 até o momento
Colégio pH - unidade Botafogo	Rio de Janeiro/RJ	2021 até o momento
Colégio pH - unidade Piratininga	Rio de Janeiro/RJ	2021 até o momento
Centro Educacional Pioneiro	São Paulo/SP	2021 até o momento
Colégio Santo Agostinho	Belo Horizonte/MG	2022 até o momento
Colégio Santo Agostinho	Nova Lima/MG	2022 até o momento
Colégio Miró	Salvador/BA	2022 até o momento
Colégio Objetivo	Itapira/SP	2023
Colégio Carbonell	Guarulhos/SP	2023
Beacon School	São Paulo/SP	2023
Colégio Arcoverde	Valença/RJ	2023
Colégio Beit Yaacov	São Paulo/SP	2023
Escola Villare	São Caetano/SP	2023
Colégio Fernão Gaivota - Maple Bear Alphaville	Santana de Parnaíba/SP	2023
Colégio Master Sul - Fortaleza-CE	Fortaleza/CE	2023
Colégio Farroupilha - Porto Alegre-RS	Porto Alegre/RS	2023
Centro Educacional "Sagrada Família"	Leme/SP	2023
Centro de Ensino Médio 01 Guará -	Brasília/Distrito Federal	2023
Colégio Jardim das Nações Unidade I	Taubaté/SP	2023
Colégio Jardim das Nações Unidade II	Tremembé/SP	2023
Colégio João Paulo	Feira de Santana BA	2023

No final de 2022 tínhamos mais de 900 alunas e alunos membros de Equipes de Ajuda atuando no Brasil e a partir de 2023 os números seguem aumentando expressivamente.

Os resultados das investigações sobre os primeiros projetos de implementação das Equipes de Ajuda do Brasil

Alguns dos resultados sobre as mudanças positivas no clima das instituições encontram-se descritos na Tese de Doutorado da Profa. Dra. Flávia Vivaldi intitulada “Escola como Espaço Social: a implantação de um Plano de Convivência – uma experiência no Brasil” em desenvolvimento (VIVALDI, 2020). Os resultados abrangem a nova concepção sobre o desenvolvimento moral dos alunos e aspectos que o envolvem como uma necessidade. Diante dessa nova postura dos gestores e corpo docente as alunas e os alunos envolveram-se em situações de protagonismo para melhorarem a convivência na escola. Outros resultados fazem parte da pesquisa da Profa. Dra. Livia Maria Ferreira da Silva, intitulada “Sentidos e significados atribuídos por professores a um projeto de convivência” (SILVA, 2018). Os resultados obtidos perpassam primeiramente pela mudança de concepção dos professores sobre diversos aspectos: 1) os conflitos interpessoais, o que resultou em uma diminuição considerável de encaminhamentos de alunos com problemas disciplinares aos gestores, 2) necessidade de se trabalhar de modo dialógico com os alunos, fundamentando a prática sistematizada das assembleias escolares e 3) a necessidade de se inserir no currículo o tema da convivência e assumir uma postura coerente com os valores que desejam formar nos alunos. Outras investigações que caracterizaram o clima das escolas e as mudanças obtidas em função da atuação realizada foram publicadas (MORO *et al.*, 2018; VINHA *et al.*, 2017 entre outros).

A primeira investigação sobre a implantação dos SAs teve como principal problema: “Qual a percepção dos alunos das escolas públicas em que foram implementadas as Equipes de Ajuda” (SOUZA *et. al.*, 2019), um ano após o trabalho, sobre a frequência de situações de intimidação antes e após a implementação desse sistema de apoio? De acordo com a pesquisa, foi possível observar uma diminuição significativa com relação às manifestações de intimidações, das vinte formas de violência analisadas, oito sofreram diminuição. Para o segundo objetivo que caracterizava em comparar as respostas dos alunos de Equipes de Ajuda e aqueles que não pertenciam a ela, ficou claro, após várias análises, que os integrantes das equipes não influenciaram nas respostas para a diminuição das frequências das situações de intimidações. Os resultados dessa pesquisa revelaram que o trabalho realizado pelas Equipes de Ajuda, é uma estratégia importante, não somente na ação para as situações de violência propriamente ditas, mas como prevenção a tais situações.

Outra pesquisa realizada agora com o corpo docente, intitulada “(Des)engajamento moral e atuação docente frente ao bullying escolar” (DAUD, 2017), tinha três objetivos que interessam do ponto de vista da eficácia das implementações das equipes de ajuda: reconhecer as estruturas autorreguladoras que se caracterizam como mecanismos de engajamento ou desengajamento moral frente a duas situações hipotéticas de bullying; comparar os níveis de qualidade moral das respostas obtidas por meio da aplicação do instrumento da investigação a um grupo de professores que tiveram formações sobre o tema da convivência moral na escola e que experimentaram o movimento de implementação das Equipes de Ajuda em suas instituições de ensino e outros que não tiveram essa oportunidade; comparar os resultados encontrados entre professores do Brasil e da Espanha, onde as práticas de implementação dos Sistemas de Ajuda são consolidadas. Foram 328 professores vinculados às redes de Educação Básica do interior do Estado de São Paulo e 395 professores espanhóis. Destes professores 55 brasileiros e 128 espanhóis foram escolhidos intencionalmente, sendo que o critério estabelecido foi terem participado do programa de formação supracitado. Os resultados principais que essa pesquisa revelou foram: validação de um instrumento de investigação para amostras brasileiras e espanhóis e a verificação de respostas moralmente mais

evoluídas a favor dos professores que pertencem ao grupo COMFEA³ tanto no Brasil como na Espanha. Foi constatado que os professores que tiveram a oportunidade de terem formações e que convivem em suas escolas com as Equipes de Ajuda confirmaram, de acordo com as alternativas assinaladas frente às histórias de bullying que foram apresentadas, um julgamento moral mais desenvolvido que os demais professores. Nesse sentido, traz-se à tona o quanto a formação do docente é necessária e complementar.

Outras duas pesquisas realizadas indicaram a eficácia das Equipes de ajuda no Brasil. Uma delas (LAPA, 2019) teve como objetivos descrever a implementação das Equipes de ajuda. Também, comparar a frequência das intimidações que ocorrem em escolas que têm as Equipes de Ajuda e as que não tem. Além disso, nas escolas que têm as Equipes de Ajuda, verificar se há diferença na frequência das intimidações após um ano e após dois anos da implementação. Essa pesquisa contou com a colaboração de 2.513 alunos, sendo que 1.366 alunos pertencem a escolas em que as Equipes de Ajuda foram implantadas e 1.147 alunos que não tem as implementações. Foi utilizado um questionário fechado adaptado de Olweus (1993), Avilés Martínez (2001) e Tognetta, Rosário e Avilés Martínez (2016) para analisar a frequência e a presença de situações de bullying entre os estudantes.

Os resultados da pesquisa relataram uma diferença significativa do ponto de vista das intimidações nas escolas, ou seja, acontecem mais intimidações nas escolas que não têm as Equipes de Ajuda. Para cumprir com o objetivo de estudo longitudinal, após um ano, verificou-se um aumento do nível da percepção da violência. De acordo com a pesquisa, isso acontece porque os alunos reconhecem algumas situações de intimidações que, anteriormente às formações, eram vistas como "brincadeiras". Já no segundo ano, novamente há uma diminuição que é atribuída a atuação das Equipes de Ajuda e a atuação de toda a comunidade escolar.

A seguinte pesquisa (BOMFIM, 2019), teve como objetivos comparar a força da adesão a valores morais – o respeito, a justiça e a solidariedade - entre três grupos de alunos: alunos de Equipes de ajuda em escolas com a implementação, alunos que não fazem parte das Equipes de Ajuda em escolas com implementação e alunos em escolas que não têm a implementação das Equipes de ajuda. Além disso, constatar se existem diferenças entre os grupos para as situações de respeito onde há bullying e onde não. Também, analisar se a adesão ao valor do respeito em situações de bullying está mais relacionada à adesão ao valor da justiça ou da solidariedade, e analisar se há diferença nas respostas em relação ao gênero. Essa pesquisa trouxe os seguintes resultados: a adesão dos valores é maior em alunos que fazem parte das Equipes, seguindo por aqueles que não são das equipes, mas que pertencem a escolas que têm as equipes implementadas.

Outra pesquisa de caráter exploratório foi realizada por Souza (2019) cujo problema foi: haverá diferenças entre as crenças de autoeficácia para ajudar em situações de bullying emitidas por alunos de escolas em que os SAIs foram implantados e outras em que tal trabalho não existe? Dois objetivos foram alcançados com a investigação: no primeiro, buscou-se comparar as diferenças percebidas nas crenças de autoeficácia para a ajuda em situações de bullying entre adolescentes em escolas que possuem os SAIs implantados e em escolas que não o possuem. No segundo, a evolução nas crenças de autoeficácia para ajudar em escolas onde existem os SAIs implantados em três momentos distintos, antes da implantação, um ano após e dois anos após.

Como resultados gerais, encontramos que as crenças atingiram índices menores em escolas que possuem os SAIs implantados, bem como tiveram uma diminuição estatisticamente significativa após um ano do trabalho desenvolvido. Isso se dá, segundo a análise, pelo aumento da percepção e tomada de consciência da complexidade do fenômeno, o que não existe, em escolas que não têm o trabalho desenvolvido. Um dado interessante, que comprova essa ideia, é a de que após dois anos da implantação, as crenças apresentam um aumento no seu *score*, representando assim, segundo essa perspectiva, que o tempo do trabalho desenvolvido é relevante e necessário para que se atinjam os

3 Com formação em Equipes de Ajuda

objetivos propostos.

Mais duas pesquisas foram realizadas recentemente. Uma teve como objetivo “investigar o clima escolar e a qualidade da convivência nas escolas na percepção de estudantes estabelecendo as seguintes comparações: A comparação entre as escolas, com e sem equipes de ajuda; a comparação entre as escolas do Brasil e da Espanha com e sem equipes de ajuda (TOGNETTA *et al.*, 2020).

Os dados dessa pesquisa nos mostram que a implementação das Equipes está relacionada com a percepção de um clima favorável na escola. Ainda apontaram que, ser bem tratado por professores, ter amigos e sentir-se protegido e acolhido na escola parecem ser questões para serem resolvidas mais em escolas brasileiras do que em escolas espanholas. Já em escolas com as Equipes de Ajuda, os alunos podem contar com um número maior de amigos que acolhem.

A seguinte (TOGNETTA *et al.* 2020) tinha como objetivo analisar como o professor percebe os problemas de convivência entre os alunos. É uma pesquisa de campo exploratório e descritiva que visou comparar a percepção de professores de escolas em que há as EA e aquelas em que não há.

Essa pesquisa revelou que as soluções mais assertivas tomadas pelos professores para os problemas de convivência e a menor frequência das situações de intimidação acontecem nas escolas que existem os programas implementados, ou seja, nas escolas em que há as Equipes de ajuda.

As investigações brasileiras recentes condizem com o que algumas pesquisas internacionais trazem dados sobre a eficácia da implantação de SAIs nas escolas:

- Contribui para a educação pessoal e social do jovem, bem como ao exercício da cidadania (NAYLOR; COWIE, 1999)
- Ajuda as pessoas a lidarem com o impacto emocional da rejeição, exclusão, intimidação e, ainda, implementam na escola um espírito mais positivo de pertença e comunidade escolar (COWIE; SMITH, 2010);
- Reduz os efeitos negativos da intimidação nos alvos, ajudando a criar no ambiente escolar um clima sócio-emocional de “cuidado” (NAYLOR; COWIE, 1999).

Além disso, Naylor e Cowie (1999) numa avaliação sobre os SAIs, verificaram que ele fora avaliado positivamente e benéfico para o ambiente escolar, uma vez que:

- O bullying pode ser detectado mais rapidamente pelos colegas;
- A confiança depositada em alguém do mesmo nível hierárquico é maior que àquela a uma autoridade;
- Os alvos têm a quem pedir ajuda;
- As alunas e os alunos que se envolvem nesse tipo de protagonismo melhoram suas habilidades sociais e de autoconfiança;
- A reputação da escola é melhorada entre as famílias dos estudantes e na comunidade local;
- A escola é percebida como uma comunidade que se importa com as relações entre os alunos.

A sistematização do modelo brasileiro das Equipes de Ajuda

Por ocasião do projeto de pesquisa "A convivência como valor nas escolas Públicas: implantação de um Sistema de Apoio entre Iguais", financiado pela Fundação Itaú Social e pela Fundação Carlos Chagas, em 2020 o GEPEM teve a oportunidade de publicar a obra “Passo a passo da implementação de um Sistema de Apoio Entre Iguais: As Equipes de Ajuda”⁴. O livro é um dos produtos deste projeto, tendo em vista a necessidade de construir formas eficazes de prevenção e de intervenção aos casos de bullying.

4

<https://www.editoraadonis.com.br/livros/302/ebook-gratuito-passo-a-passo-da-implementacao-de-um-sistema-de-apoio-entre-iguais-as-equipes-de-ajuda>

www.gepem.org

www.somoscontraobullying.com.br

<http://www.idea.unicamp.br/>

Para o desenvolvimento da escrita dos capítulos desse passo a passo, as pesquisadoras e pesquisadores do Gepem se organizaram em duplas ou trios para descrever cada etapa do programa, fundamentando-se pela literatura e pelas pesquisas já realizadas acerca do tema. Paralelamente à escrita do livro, as alunas e os alunos que já pertenciam às Equipes de Ajuda dos dois colégios citados gravaram vídeos com dicas aos estudantes e relatos de situações vivenciadas no ambiente escolar para favorecer a formação de gestores, professores e alunos. A gravação foi preparada por eles com o suporte de seus tutores e realizada por uma empresa especializada no ramo de cinema. Desde sua capa, a participação das alunas e alunos de escolas particulares na produção do material para a orientar a implementação das Equipes de Ajuda em escolas brasileiras foi pensada exatamente para cumprir nossa atenção de levar o mais próximo possível dos estudantes e docentes as explicações de quem “aprendeu a fazer pela experiência”. Por essa razão, vídeos e depoimentos foram organizados arduamente por estudantes de Equipes de Ajuda, que disponibilizaram sábados e domingos para ensaios, preparação, filmagem e edição do trabalho.

A seguir, algumas fotos que nos permitem visualizar esse processo de produção dos vídeos.

Imagem: Alunas e alunos do Colégio Bandeirantes na organização e planejamento do vídeo sobre as “fases de ajuda”.



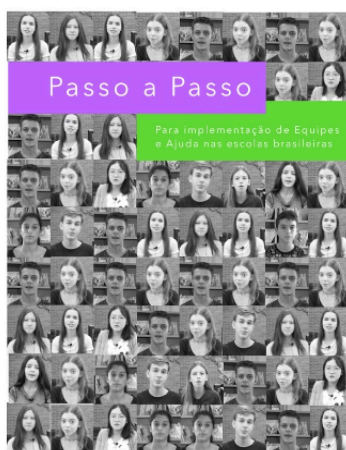
Fonte: Acervo do Colégio Bandeirantes.

Imagem: Alunas e alunos do Colégio Bandeirantes nas gravações do vídeo sobre as “fases de ajuda” contidas neste trabalho.



Fonte: Acervo Colégio Bandeirantes.

Figura: Capa do livro Passo a passo para implementação de Equipes de Ajuda nas escolas brasileiras – com os rostos dos membros de Equipes de Ajuda do Brasil que colaboraram na produção do livro.



Fonte: Editora Adonis.

Da plataforma das Equipes de Ajuda

A plataforma *online* das Equipes de Ajuda do Brasil (www.somoscontraobullying.com.br) foi construída com o objetivo de manter um canal de divulgação e de acompanhamento dos trabalhos da Rede das Equipes de Ajuda do Brasil. No site encontram-se disponíveis para consulta materiais de suporte para o planejamento pedagógico das aulas de convivência, especialmente desenvolvidas para as escolas que mantêm um trabalho regular de orientação às Equipes de Ajuda. Esses materiais contêm propostas de trabalho com a convivência ética nos segmentos da educação infantil, ensino fundamental I (anos iniciais) e ensino fundamental II (anos finais), podendo ser acessados por meio da aba – “Sala de Aula”.

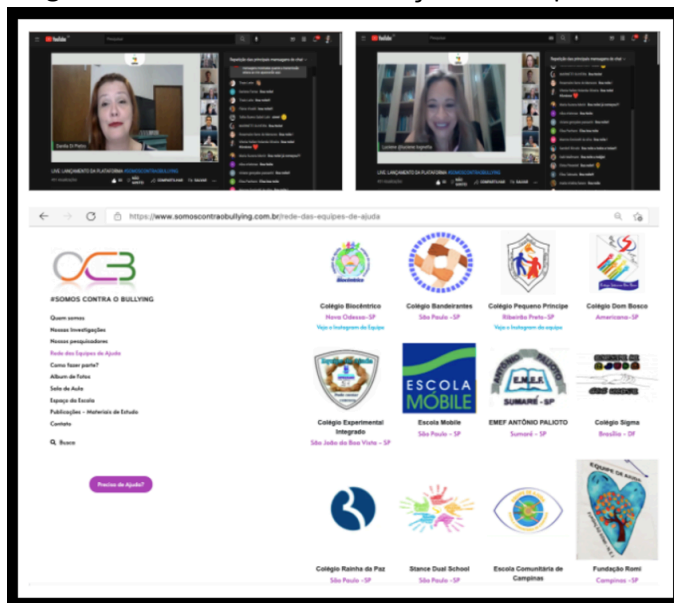
Na aba “Espaço da Escola” estão disponíveis sugestões sobre o que fazer diante da identificação de casos de bullying, bem como protocolos de atuação para cyberbullying, planos de ajuda, convivência na internet, pandemia, pós-venção em casos de violência grave e ajuda em casos

de tentativa de suicídio.

Todos esses materiais foram produzidos pelas pesquisadoras e pesquisadores do Gepem, sob a orientação da Profa. Dra. Luciene Tognetta, com base nos resultados das pesquisas realizadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp Araraquara. Os trabalhos do quadriênio de 2015 a 2018 tiveram como eixo central o bullying, seus mecanismos psicológicos e intervenções ao problema, concentrando-se em 3 frentes: Sistemas de Apoio entre Iguais; assédio moral e bullying na universidade; e formação de professores. Já no quadriênio de 2019 a 2023, as pesquisas em andamento têm como eixo central a proposta de transformar a convivência escolar em uma política pública, contando também com 3 frentes de trabalho: a construção de um modelo replicável; a convivência como valor nas escolas públicas; e projeto antibullying.

Utilizando-se dessa plataforma *online*, qualquer escola que tenha interesse em conhecer e implementar o trabalho com as Equipes de Ajuda encontrará um passo a passo contendo as 8 etapas sobre como fazer parte e como programar a implantação em sua escola. São elas: 1. Escolha de uma equipe responsável pela convivência e construção de propostas de um Projeto de Convivência; 2. Compromisso com a construção coletiva de um Projeto de Convivência; 3. Formação Docente; 4. Escolha e formação dos tutores; 5. Atuação dos tutores junto às turmas e escolha dos membros da Equipe de Ajuda; 6. Reunião com a família; 7. A primeira formação da Equipe de Ajuda; 8. Primeira reunião com a Equipe de Ajuda. Após a realização de todos esses passos, a escola poderá preencher a ficha de inscrição para fazer parte do programa e da Rede das Equipes de Ajuda do Brasil. A plataforma de convivência das Equipes de Ajuda e a atualização do *site* Somos Contra o Bullying foram realizadas em 2020. No dia 26 de outubro de 2020 foi realizada uma *live* de lançamento da plataforma.

Imagem: Momentos da *live* de lançamento da plataforma.



Fonte: Acervo Gepem/Unesp.

Sobre os Encontros Nacionais das Equipes de Ajuda do Brasil

Desde o ano de 2017, as pesquisadoras e pesquisadores do GEPEM têm organizado o Encontro Nacional das Equipes de Ajuda do Brasil com o objetivo de reunir alunas e alunos das

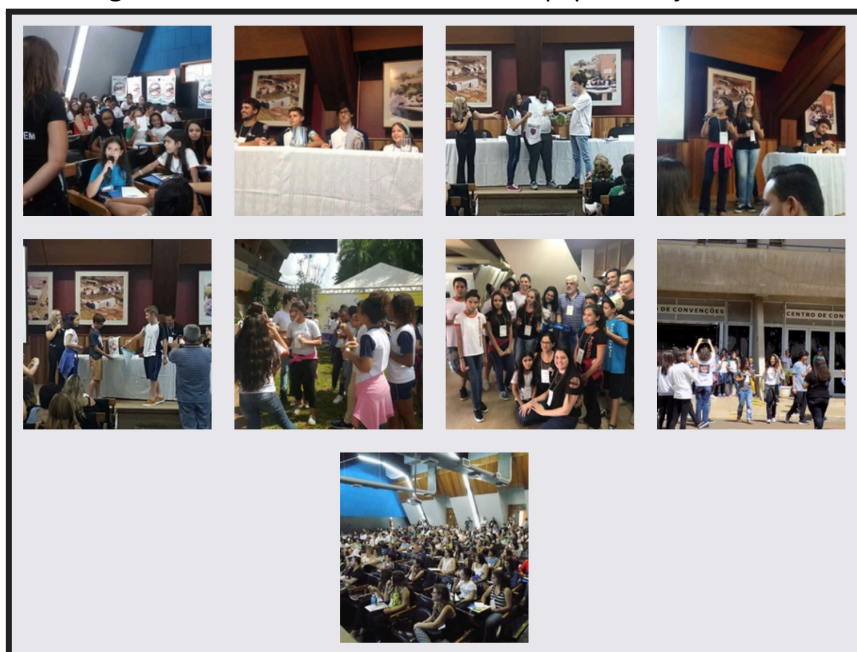
www.gepem.org
www.somoscontraobullying.com.br
<http://www.idea.unicamp.br/>

diferentes escolas que já implementaram esse tipo de SAI.

O encontro visa compartilhar dificuldades e conquistas realizadas em suas escolas, a troca de experiências, bem como a integração entre as escolas participantes da rede de Equipes de Ajuda do Brasil.

Em sua primeira edição, o encontro aconteceu juntamente com o Seminário Internacional **"Em busca da qualidade do clima e da convivência ética na escola"**, que também foi organizado pelo GEPEM no Centro de Convenções da Unicamp.

Imagem: Momentos do I Nacional das Equipes de Ajuda - 2017



Fonte: Acervo GEPEM

A partir disso, o trabalho foi tomando novas proporções e o evento passou a ser independente de outras programações reunindo, ano após ano, cada vez mais estudantes, docentes e muitos outros profissionais de escolas públicas e privadas. No último encontro presencial (em 2019) estiveram presentes mais de 600 pessoas, das quais 360 eram estudantes de escolas em que

há Equipes de Ajuda.

É pensando nas meninas e meninos que ajudam que, a cada edição, temos um tema diferente a partir do qual as interações entre as e os participantes são planejadas:

- 2018 - #Valentes contra o bullying
- 2019 - Mãos que acolhem
- 2021 - Abraça, Moleque
- 2022 - Heroínas e Heróis: Somos quem super ajuda!

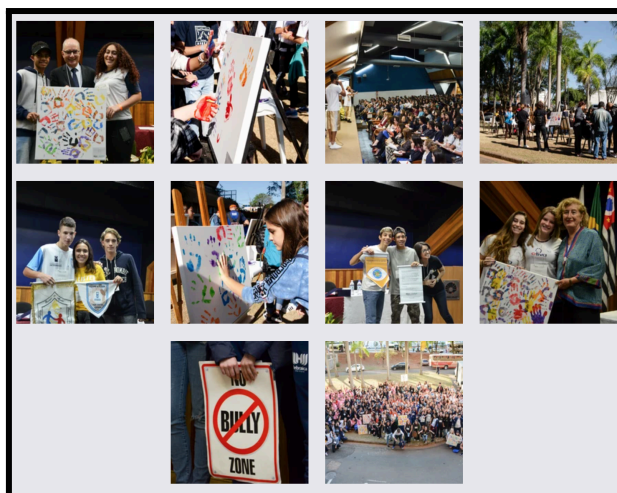
A seguir, apresentamos alguns registros de momentos especiais vivenciados nesses encontros.

Imagem: Momentos do II Encontro Nacional das Equipes de Ajuda - 2018



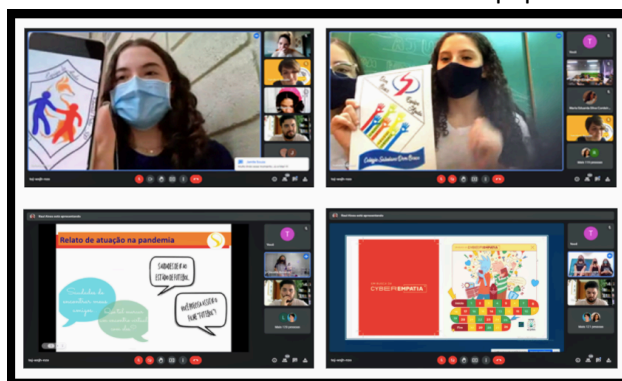
Fonte: Acervo GEPEM

Imagem: Momentos do III Encontro Nacional das Equipes de Ajuda - 2019



Fonte: Acervo GEPEM

Imagem: Momentos do IV Encontro Nacional das Equipes de Ajuda - 2021



Fonte: Acervo GEPEM

Embora a sequência tenha sido interrompida em 2020 pela pandemia da COVID-19, em 2021 o evento foi retomado ainda que por meio das plataformas digitais e com a participação online das escolas.

Felizmente, em 2022 o evento voltou a acontecer no formato acolhedor em que todas e todos puderam interagir presencialmente.

Imagem: V Encontro Nacional das Equipes de Ajuda – 2022



Fonte: Acervo GEPEM

REFERÊNCIAS

AVILÉS MARTÍNEZ, J. M. **Bullying**: intimidación y maltrato entre el alumnado. Bilbao: Stee-Eilas, 2001.

AVILÉS MARTÍNEZ, J. M. Prevenção del maltrato entre iguales a través de la educación moral. *IIPS/ Revista de Investigaciones Psicológicas*, v. 15, n. 1), p. 17-31, 2012.

AVILÉS MARTÍNEZ, J. M. **Bullying**: guia para educadores. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

AVILÉS MARTINEZ, J. M.; TORRES VICENTE, N.; VIAN BARÓN, M. V. Equipos de ayuda, maltrato entre iguales y convivencia escolar. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, v. 6, n. 3, p. 357-376, 2008.

BOMFIM, S. A. B. **Respeito, justiça e solidariedade no coração de quem ajuda**: valores morais e protagonismo entre alunos para combater o bullying. Dissertação de mestrado. Unesp, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181390>. Acesso em: 2 jul. 2020.

COWIE, H. The immediate and long-term effects of bullying. In: RIVERS, I.; DUCAN, N. (Eds.). **Bullying: Experiences and Discourses of Sexuality and Gender**. London: Routledge, 2012.

COWIE, H.; FERNÁNDEZ, F. J. Ayuda entre iguales en las escuelas: desarrollo y retos. *Revista Electrónica de Investigación Psicoeducativa*, v. 4, n. 2, p. 291-310, 2006.

COWIE, H.; SMITH, P. K. Peer support as a means of improving school safety and reducing bullying and violence. In: DOLL, B.; CHARVAT, J.; BAKER, J.; STONER, G. (Eds.). **Handbook of Prevention Research**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2010.

COWIE, H.; MEYERS, Carrie-Anne (Ed). **Bullying Among University Students. Crossnational perspectives**. Abingdon: Routledge, p. 193-202, 2016.

CURWEN, T.; McNICHOL, J.; SHARPE, G. The progression of bullying from elementary school to University. *International Journal of Humanities and Social Science*, v. 1, n. 13, p. 47-55, 2011.

DAUD, R. P. **(Des)engajamento moral e atuação docente frente ao bullying escolar**. 2018. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/153309>. Acesso em: 05 ago. 2018.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência na escola e educar para paz. Campinas, SP: Versus Editora, 2005.

FISCHER, R. M. (Coord.) **Bullying escolar no Brasil**. Relatório Final. São Paulo: CEATS/FIA, 2010.

FRANCISCO, M. V. LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre bullying entre escolares do Ensino Fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica* [online]. v. 22, n. 2, 2009, p. 200-207. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000200005>. Epub 24 Set 2009. ISSN 1678-7153. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000200005>. Acesso em: 6 Jun. 2022.

FRICK, L. T. Estratégias de prevenção e contenção do bullying nas escolas: as propostas governamentais e de pesquisa no Brasil e na Espanha. 2016. 274 f. **Tese (Doutorado em Educação)** - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, 2016.

GINI, G.; POZZOLI, T.; HAUSER, M. Bullies have enhanced moral competence to judge relative to victims, but lack moral compassion. **Personality and Individual Differences**, v. 50, n. 5, p. 603–608, abr., 2011.

KRASSEL, K. **Bullying not a thing of the past for college students**. USA Today College. Disponível em: <http://college.usatoday.com/2014/10/21/bullying-not-a-thing-of-the-past-for-college-students/>. Acesso em: 07 jan. 2016.

LAPA, L. Z. **Valentes contra o bullying**: a implantação das Equipes de Ajuda, uma experiência brasileira. Dissertação de mestrado. Unesp, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181907>. Acesso em: 2 jul. 2020.

LEME, M. I. S. **Convivência, conflitos e educação nas escolas de São Paulo**. São Paulo: ISME, 2006.

MASCARENHAS, S. Bullying e moralidade escolar: Um estudo com estudantes do Brasil (Amazônia) e da Espanha (Valladolid). **Anais [...]** I Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral (COPPEM). Campinas, SP: Faculdade de Educação, Unicamp, 2009.

MORO, A. *et al.* Avaliação do clima escolar por estudantes e professores: construção e validação de instrumentos de medida. **Revista de Educação Pública**, v. 27, n. 64, p. 67-90, 2018.

NAYLOR, P.; Cowie, H. The effectiveness of peer support systems in challenging school bullying: the perspectives and experiences of teachers and pupils. **Journal of adolescence**, v. 22, n. 4, 1999, p. 467–479. <https://doi.org/10.1006/jado.1999.0241>

OLWEUS, D. **Bullying at school**: what we know and what we can do. Oxford: Blackwell, 1993.

SHARP, S.; COWIE, H. **Counselling and Supporting Children in Distress**. London: Sage, 1998.

SILVA, L. M. F. da; ARAGAO, A. M. F. de; VINHA, T. P. Sentidos e significados atribuídos por professores de um curso sobre convivência escolar. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 47, p. 31-38, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752018000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 maio 2023. <http://dx.doi.org/10.5935/2175-3520.20180015>.

SOUZA, R. A. **Quando a mão que acolhe é igual a minha**: a ajuda em situações de (cyber)bullying entre adolescentes. Dissertação de mestrado. Unesp, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181590>. Acesso em: 2 jul. 2020.

SOUZA, R. A. de. *et. al.* O silêncio à ajuda: a experiência brasileira de combate ao bullying pela implantação e equipes de ajuda. **Anais [...]** XIII Congresso Nacional de Educação: EDUCERE. Curitiba: PUC-PR, 2017, p. 17125-17137. ISSN 2176-1396.

TOGNETTA, L. R. P.; AVILÉS MARTÍNEZ, J. M.; ROSÁRIO, P. J. S. L. da F. Bullying, un problema moral: representaciones de sí mismo y desconexiones Morales. **Revista de Educación**, n. 373, p. 9-34, jul./set., 2016.

TOGNETTA, L. R. P. *et al.* Características das relações entre pares e sua relação com o fenômeno bullying. *In*: GUIMARÃES, Á. M.; PACHECO E.; ZAN, D. D. **Caderno de resumos do I Seminário Violar**:

problematizando juventudes na contemporaneidade. Campinas, SP: FE/Unicamp, 2010.

TOGNETTA, L. R. P. *et al.* Desengajamentos morais, autoeficácia e bullying: a trama da convivência. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología Y Educación**, v. 2, n. 1, p. 30-34. Minho: 2015.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Estamos em conflito, eu comigo e com você: uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. *In*: CUNHA, J. L.; DANI, L. S. C. **Escola, conflitos e violências**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2008.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Até quando? Bullying na escola que prega a inclusão social. **Educação, Santa Maria**, p. 449 - 464, dez. 2010. ISSN 1984-6444.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. **É possível superar a violência na escola?** Campinas, SP: Editora do Brasil, 2012.

TOGNETTA, L. R. P.; ROSÁRIO, P. Bullying: Dimensões Psicológicas no Desenvolvimento Moral. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 56, p. 106-137, set./dez., 2013.

TOGNETTA, L. R. P. *et al.* A percepção de estudantes sobre a convivência na escola: um estudo sobre contribuições dos Sistemas de Apoio entre Iguais (SAIS) em instituições escolares brasileiras e espanholas. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, p. 1498-1523, 2020.

TOGNETTA, L. R. P. *et al.* A convivência positiva e a prevenção do bullying: as contribuições dos sistemas de apoio entre iguais – um estudo entre as experiências brasileira e espanhola. **Revista Tempos e Espaços em Educação**. ISSN 2358-1425, v.13, n. 32, e-14391, jan./dez.2020 - ISSN 2358-1425 Doi: <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v13i32.14391>

VINHA, T. *et al.* Um programa visando a convivência ética e a melhoria do clima escolar realizado em escolas brasileiras. **Psicología y Educación**, p. 147, 2017.

VIVALDI, F. M. de C. **A função social da escola**: a implantação de um projeto institucional para a convivência ética. 2020. 1 recurso online (318 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.